Goa Pré-Portuguesa através dos Escritores Lusitanos dos Séculos XVI e XVII.

Panduranga Pissurlencar

DOUTOR HONORIS CAUSA PELA
FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA
MEDALHA DE OURO "SIR JADUNATH SARKAR"
DA SOCIEDADE ASIÁTICA DE BENGALA
MEDALHA DE OURO "CAMPBELL"
DA REAL SOCIEDADE ASIÁTICA DE BOMBAIM

Goa Pré-Portuguesa através dos Escritores Lusitanos dos Séculos XVI e XVII

TIPOGRAFIA RANGEL
BASTORA' — GOA
1962

CONFERÊNCIA FEITA NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, EM 22 DE MAIO DE 1960.

É valiosa a literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII como fonte para o estudo da Índia em geral e de Goa em especial.

Vários escritores portugueses dessa época, levados por natural curiosidade, procuraram conhecer os usos e costumes, a língua, a religião, a literatura, as tradições e também a história do povo de Goa.

O cronista Fernão Lopes de Castanheda [1], quando foi para a Índia, em 1528, esteve na ilha de Divar, ao tempo considerada terra santa dos hindus, segundo o testemunho do Irmão Luís Fróis, principalmente por causa do templo de Saptanatha, que ficava nessa ilha [2].

O livro sânscrito *Sahyadri-Khandda*, referindo-se à mesma ilha, a que chama "Dipavati" (ilha das luzes), confirma o que escreve o referido jesuíta [3].

Castanheda dá a descrição da festividade da "tirtha", de Naroá, e alude ao mencionado templo, que denomina "o pagode de Saptu".

O cronista da Índia visitou também as ruínas da prístina capital de Goa—Goa-Velha — e a respeito dela escreve (4):

"no tempo, que esta terra foi de gentios esteve hi (Goa-Velha) a própria cidade que os mouros destruiram: e foi muito grande e nobre, segundo ainda então parecia na soma de cantaria lavrada, e em muitos piares que hi estavam".

Lê-se nos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*:

"Foi sempre Goa em tempo dos gentios nomeada por cousa muito principal naquelas partes. A primeira povoação, que nesta ilha de Tissuari houve, foi a Goa a velha, e segundo seus edificios parece que foi cousa grande" (5).

E diz Diogo do Couto (6):

"Esta ilha de Goa é tão antiga, que se

não acha nas escrituras canarás (cujo sempre foi) o princípio de sua fundação".

Com efeito, Goa tem uma história com raízes no passado, pelo menos, de dois mil anos (7).

As fontes dessa história são principalmente as inscrições gravadas em lâminas de cobre ou em pedras, as moedas e alguns textos literários em sânscrito, árabe e persa.

No século XIX, uma plêiade de investigadores indianos, ingleses e alemães deram à luz muitas dessas inscrições. Em 1898, James Campbell publicou o *Gazetteer of the Bombay Presidency*, incluindo nesta obra a *História do Decão*, de R. G. Bhandarkar; a *História do Concão*, de Nairne, e *As Dinastias dos Distritos do Canará*, de Fleet. Estes três livros ainda hoje são consultados pelos estudiosos da história pré-portuguesa de Goa.

Pelas investigações dos referidos historiadores muita luz se fez sobre a história de Goa, desde o meado do século VI.

No século XX, foram descobertas, em

cámos sobre estas placas um estudo subordinado à epígrafe " Goa Há 1500 anos ".

No *New Indian Antiquary*, Vol. IV, de 1941, o Prof. Dr. Moreshwar G. Dikshit deu à estampa um outro *tambiá-pottó*, encontrado em Goa.

Na opinião do Dr. Dikshit, as inscrições destas placas foram gravadas aproximadamente numa época não muito posterior à data das inscrições do Rei Kakusthavarman (405-435 de C.). O Prof. Dines C. Sircar, da Universidade de Calcutá, é da mesma opinião ([8]).

Consta das placas em questão que, no segundo ano do seu reinado, um rei de nome Chandravarman fez a doação dum terreno a um *mahavihara*, situado em Sivapur. O vocábulo *vihara* quer dizer, geralmente, um mosteiro budista, se bem que possa também significar mosteiro jaina ou hindu.

Descobriram-se em Bandorá, de Pondá, algumas outras placas contendo inscrições em sânscrito, que revelam a existência, em Goa,

duma dinastia Bhoja, nos séculos VI ou VII de C. Entre estas placas, algumas foram expedidas de *Pârvâtâ*, a célebre montanha de Chandranatha.

Muitas outras inscrições referentes à história de Goa sob os Shilaharas e Kadambas vieram à luz nos nossos dias.

Os Shilaharas do Sul eram oriundos de de Goa ([9]). Tinham a sua capital em Valipattana, actual Valaval (Sauntwari). O seu *lancchana* (brasão) trazia a figura de águia (Garudda). Os Shilaharas reinaram em Goa cerca de 250 anos.

Os Kadambas tinham primeiro a sua capital em Chandrapura (Chandor). O rei Jaiquessi I (1050 a 1080) transferiu-a depois, em meados do século XI, para Govapuri, a actual Goa-Velha.

Reza uma inscrição sânscrita do ano de 1053, encontrada em Goa, que o ministro árabe, de nome Chhaddamo, deu grande impulso à nova cidade, onde fundou uma mesquita — mijiguiti — que actuava também como casa

misericordiosa ([10]).

Estas placas de 1053 são as mais antigas expedidas de Gopak-pattanna (Goa-Velha). As placas anteriores dos Kadambas de Goa foram dimanadas de Chandrapura (Chandor) em 1038 ([11]). Reinava, nesse tempo, Guhalladeva II e os seus ministros eram os brâmanes goeses Damâ Pâi, Khenta Pâi, Bhal Pâi, etc.

Do referido monarca Jaiquessi I existe mais uma placa descoberta em Goa, do ano de 1059.

Do rei Kadamba Tribhuvana-malla, encontraram-se em Goa duas inscrições gravadas em lâminas de cobre, sendo uma de 1099 e a outra do ano de 1107, ambas em sânscrito. Na primeira trata-se da doação dum terreno a um sacerdote de nome Nagavária, "mestre dos argumentos e expositor da escritura sagrada". A inscrição de 1107 refere-se à fundação dum *Brahmapuri* (colónia dos brâmanes), nos arredores de Goa-Velha, constituída por doze famílias dos brâmanes, dedicados

ao estudo e ensino, junto dum templo consagrado à *Sarasvati (Minerva)* ([12]).

Há várias inscrições dando a ideia da grandeza da cidade de Goa-Velha, que ainda hoje é conhecida, em concani, pelo nome de *Voddlém-Gõe* ou "Grande-Goa". Uma dessas inscrições compara Gopaca-pattana, isto é, Goa-Velha, ao paraíso de Indra (rei dos deuses, na mitologia hindu).

Há muitas moedas de ouro pertencentes à dinastia dos Kadambas de Goa ([13]). Possuimos, na nossa colecção, uma do ano de 1157.

Os Kadambas reinaram em Goa dois séculos. O brasão (*lancchana*) desses monarcas era a figura de leão.

No reinado do Kadamba Kamadeva (1260-1311), Goa-Velha foi tomada por Malik Kafur, general do sultão de Delhi, Alaudin.

Um filho do referido Kamadeva reconquistou Goa aos muçulmanos.

Em 1327 Goa foi novamente invadida pelas tropas maometanas de Delhi, do comando de Mahamad bin Tuglak.

Um neto do dito rei Kamadeva libertou-se do jugo muçulmano.

Em 1342, Goa foi acometida pelo nababo Jamal-ud-din, de Onor.

Em 1356, o sultão de Delhi Alaudin Hassan Gangu tomou Goa.

Em 1378, o rei de Vijayanagar Hari-Hara II expediu o general Brâmane Madhava Mantri, afim de expulsar de Goa os muçulmanos e anexar este território ao seu reino.

O general Madhava conquistou Goa; restaurou o templo de Saptakotexvar, de Naroá, que os muçulmanos haviam destruído, e, em 1391, estabeleceu, nos arredores da cidade de Goa-Velha, uma colónia de brâmanes" (*brahmapuri*).

O documento desta "fundação" de *brahmapuri* são três placas de cobre contendo uma inscrição em sânscrito, com excepção das últimas oito linhas e as primeiras letras do

princípio, que são em caracteres canareses.

A sua tradução portuguesa foi apresentada no tribunal judicial de Goa, no ano de 1532. E' a mais antiga tradução feita directamente dum texto sânscrito para o português ou qualquer outra língua europeia. Não se conhece o nome do tradutor. Seria Lacu Naique, um brâmane de Goa, o autor dessa tradução ([14])? Seria Crisna Sinai, que esteve em Lisboa desde 1518 até 1520 ([14])? Seria o brâmane Ramu, língua na feitoria da cidade de Goa ([15])?

A referida tradução portuguesa conserva-se no Corpo Cronológico do Arquivo Nacional da Torre do Tombo ([16]) e as respectivas placas encontram-se, em Goa, em poder dum brâmane de Bandorá.

Essa tradução foi usada pelo cronista João de Barros, na sua Década II, que escreve a propósito:

"Também depois, ao tempo que compunhamos esta Chronica, nos foi trazido da Cidade de Goa o traslado de huma Doação, que

hum Gentio Rey della chamado Mantrasar, filho de Chamandobata, e vassalo del Rey de Bisnaga, deo a hum Pagode, de certas terras pera mantença dos sacerdotes, em que as fazia izentas e livres de pagarem direitos alguns, segundo o uso da terra. A qual Doação estava escrita em huma pasta de metal em letra canary, e havia cento e quarenta e hum annos que era feita, e foi apresentada em juízo no anno de mil e quinhentos trinta e dous á instância de hum gentio chamado Luco rendeiro ... O princípio da qual Doação começava nestas palavras: *Em nome de Deos*, que *he Creador de todos os três Mundos, Ceo, Terra, Luá e Estrellas, a quem adoram, e nelle fazem sua boa sombra, e elle he o que as sustenta, a elle dou muitas graças, e creo nelle o qual por amor do seu povo lhe aprouve vir tomar carne a este Mundo*, etc. Per as quaes palavras parece que naquelle povo havia notícia da Encarnação do Filho de Dios; e em outras mais abaixo, que he no sinal do Rey, confessa a Trindade em unidade. E porque ao presente não temos

outra memória da fundação desta cidade de Goa, senão desta barbara, e mal trasladada Doação ... ".

O rei " Mantrasar, filho de Chamandobata ", a quem se refere o cronista Barros, é o " Mantrisvar (aliás Madhava Mantrisvar), filho de " Chounddi Bhatta " do texto sânscrito da presente inscrição.

" Mantrisvar " quer dizer " principal ministro ".

O referido brâmane Madhava foi ministro dos reis de Vijayanagar durante longo tempo. É ele o autor do livro sânscrito " Tatpâria Dipicá ".

Madhava libertou Goa do jugo dos muçulmanos bamanidas e governou aí durante muitos anos. Numa inscrição de 1387, é designado " Raiá (rei) de Goa ". Numa outra inscrição pela qual fez uma doação ao tempo de Subramánia, é também chamado " soberano de Goa ".

A tradução portuguesa da inscrição usada por Barros está, evidentemente, mal, pelo

que não admira que o mesmo cronista se equivocasse com o seu conteúdo. Na inscrição de que se trata há alusão ao *avatar* (encarnação) de Varaha (javali). E' esta uma das dez encarnações do deus Vixnu, segundo a mitologia hindu. No fim da inscrição de que se trata está gravado em canarês o vocábulo "Triambaca" que, como é sabido, é um dos nomes de Xiva.

As placas de Madhava Mantri, que era um brâmane ortodoxo, não podiam pois aludir à "Encarnação do Filho de Deos", nem à "Trindade em unidade", ao contrário do que supõe o cronista Barros.

O texto da tradução portuguesa usado por aquele cronista reza, além disso, que o "deos por amor de seu povo tomou em vontade vir tomar carne a este mundo e *por vezes veyo a elle*". No caso vertente trata-se, portanto, das *encarnações* e não apenas de uma encarnação de Deus.

O nome "Triambaca" significa "aquele que possui três olhos". Segundo a mitologia

hindu, Xiva tem três olhos. Mas, na tradução portuguesa utilizada por Barros, lê-se "Tryombaca, que quer dizer três pessoas de hum só deus". Disso resultou o equívoco do cronista da India.

A opinião de Barros foi seguida por Faria e Sousa, na *A'sia Portuguesa*, e por Frei Paulo da Trindade, na sua *Conquista Spiritual do Oriente.*

A Madhava Mantri sucederam outros governadores de Vijaianagar, em Goa. O poema *Konkannakhyana* e as duas inscrições lapidares em marata, de 1402 e 1413, existentes no Museu Arqueológico de Goa, referem-se a um goês de nome Mãi Sennai Vagló, filho de Pursó Xennai Vagló, nomeado Administrador de Goa, pelo rei de Vijayanagar.

Escreve Gaspar Correia nas suas *Lendas da India :*

"Antigamente foi de gentios (o reino e senhorio de Goa), tributários ao rei de Bisnaga e passava de 70 anos que era reino sobre si isento, quando os nossos agora chegarão a Goa".

E o autor dos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque* diz:

"(O reino de Goa) quando Afonso de Albuquerque ganhou, haveria 70 anos que era isento, e não lhe (ao Vijayanagar) obedecia". Segundo estes dois escritores, os goeses libertaram-se do domínio de Vijaianagar em 1440, mas esta asserção parece não ter fundamento, pois pelo próprio testemunho da *Crónica de Bisnaga* se depreende que só "em tempo de Verupacarao (se) perdeo Goa". Sabido é que este monarca de Vijayanagar reinou entre 1465 e 1478, e, portanto, muitos anos depois de 1440. Além disso, consta duma inscrição lapidar que em 1443 era governador de Vijayanagar em Goa um indivíduo de nome Irugappa Vaddiyar. Também Ferishta diz que Goa foi conquistada ao rei de Vijayanagar pelo general bahmani Khwaja Mahmud Gawan.

Com efeito, este general muçulmano atacou a cidade de Goa-Velha com uma armada de 108 navios e tomou a sua posse em 1 de Fevereiro de 1472 (16a).

Existe uma descrição da ilha de Goa feita pelo referido Mahmud Gawan, em árabe. No dizer deste General, a cidade de Goa é motivo de inveja de todas as ilhas e portos da India! ([17]).

Fala o mesmo da frescura da ilha de Goa, dos seus coqueiros e arequeiras, das suas canas de açúcar e betle — o que faz lembrar a seguinte descrição da mesma ilha feita por Afonso de Albuquerque, em carta escrita a El-Rei, em 17 de Outubro de 1510 ([18]):

"... he ilha cercada dagua, de muita renda, e muito proveitosa; barra de muita agoa, porto morto de todollos vemtos, ilha de muitos mantimentos ..."

Tomé Pires, escrevendo em 1515, diz que o Çabaio velho (i. é. Yussuf Adil Khan) ganhou Goa aos gentios haverá 45 anos ([19]).

Também se lê nos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque*: "Quando Afonso de Albuquerque ganhou Goa, haveria quarenta anos, pouco mais ou menos, que o Çabaio a tinha ganhado aos gentios".

Como se vê, os referidos Tomé Pires e o autor dos *Comentários do Grande Afonso de Albuquerque* atribuem a Yussuf Adil Khan a conquista de Goa feita ao rei de Vijayanagar pelo general Mahmud Gawan, em 1471.

Segundo João de Barros, foi nesta época, isto é, cerca de 1470, que se fundou a cidade de Goa-a-Nova — a actual Velha-Goa — por um mouro chamado Melique Hussen, "quando — diz o cronista — os mouros que fugiram do Reino de Onor a vieram povoar" (20).

Não há dúvida que o desenvolvimento da cidade de Velha-Goa foi devido, em parte, ao seu povoamento pelos muçulmanos de Onor. Mas essa cidade já existia em 1433-1434, quando o viajante árabe Ibn Batuta passou por Goa.

Ibn Batuta (21) menciona duas cidades na ilha de Sandabur (Goa), sendo uma antiga, fundada pelos hindus, e a outra pelos muçulmanos: Goa-a-Velha e Goa-a-Nova, respectivamente. Em 1489, o reino bahamani fragmentou-se, dando origem a oito

estados muçulmanos. O território de Goa coube a Yussuf Adilkhan, cuja capital ficava em Bijapur.

Damião de Góis diz que o rei de Decão, isto é, o sultão bamanida deu Goa a um seu criado por nome Çabaio, em satisfação de seus serviços.

Duarte Barbosa (22) escreve que as terras de Goa foram dadas pelo rei Daquem ao seu vassalo Sabaio, para dali fazer guerra ao rei de Vijayanagar.

Também Albuquerque escrevia a El-Rei na sua citada carta de 17 de Outubro de 1510:

"O rei de Daquen deu a terra em capitanias ou senhorios repartidos por escravos seus, turcos de nação, e alguns persios poucos; estes se alevantaram e nom lhe obedecem senam em lhe chamarem rei ..."

Albuquerque, D. João de Castro e outros portugueses, a quem nos referimos, não ignoravam, pois, a dependência que os sultões de Bijapur tinham para com a dinastia de bahmani, até à morte do derradeiro monarca

desta dinastia, Ilamulah, falecido em 1537.

No *Tombo da Ilha de Goa e das terras de Salcete e Bardês*, organizado, em 1595, por Francisco Pais, provedor-mór dos Contos de Goa, encontram-se importantes informações sobre o sistema tributário em Goa, sob o domínio do Adilcão.

Tomé Pires chama ao território de Goa um " reino ". Nos *Comentários de Albuquerque* também se diz " o reino de Goa ".

Duarte Barbosa denomina o mesmo território um " senhorio sobre si ".

Também Gaspar Correia se refere ao " Reino e Senhorio de Goa ".

E' curioso observar que, pelo menos, em três inscrições do tempo em que Goa esteve sob o domínio de Vijayanagar, se encontra a expressão " govê simvassana ", isto é, " Trono de Goa " ([23]). Evidentemente, Goa era considerada nesses tempos como uma unidade geográfica e política.

Quais eram os limites tradicionais do Reino de Goa?

Em marata existe um poema, denominado *Konkannakhyana*, escrito em 1721, que é um repositório de tradições correntes entre os brâmanes sarasvatas de Goa no século XVIII.

Constam desse poema os limites tradicionais do território de Goa. Duma maneira geral, pode-se dizer que esses limites se confundem com os do Concão do Sul. E, assim, numa inscrição sânscrita de 1391, Goa é denominada a capital do Concão.

Tomé Pires informa que o reino de Goa tem por limite, ao Norte o rio de Carepatão, ao Sul o rio de Cintacora, ao Oeste o mar e ao Este a terra firme.

Albuquerque escreve que Condall (Kudal) e Çupá eram terras de Goa.

João de Barros abrange, no território de Goa, as tanadarias de Bandá e Cudal, ao norte, e Cintacora (Chitakal) ao Sul, incluindo Çupá no mesmo território de Goa.

Nos *Anais de D. João III*, Frei Luís de Sousa, referindo-se às terras firmes de Goa, opina que " em tempos antigos eram todas

dos senhores da ilha de Goa".

No *Livro que trata das Cousas da India e do Japão*, Ms. da Biblioteca Pública de Elvas, escrito em 1548 e publicado em 1957, encontram-se notícias a propósito dos antigos limites do território de Goa, pois, o mesmo *Livro*, depois de enumerar cuidadosamente todas as tanadarias compreendidas nos limites *tradicionais* de Goa, acrescenta: " todas estas tanadarias e terras nomeadas atrás até o dito rio Tamboná, onde se começa a tanadaria de Carpatão, *eram antigamente soditas a Goa, onde vinham obedecer e suprir com os rendimentos, por ser cabeça delas, e dali eram governadas*".

As informações do *Livro que trata das Cousas da India* confirmam, em parte, as que contêm o dito poema *Konkannakhyana.*

Falando sobre a origem e significado da palavra " Goa", o cronista Diogo do Couto diz na sua *Década IV :*

" Esta ilha de Goa he tão antiga, que se não acha nas escrituras Canarás (cuja sempre foi) o princípio de sua povoação. Mas acha-se que foi sempre tão continuada dos estrangeiros, que andavam entre eles por adajo, vamo-nos recrear às frescas sombras de Goa, e a gostar da doçura do seu betre. E assim lhe chamavam por excelência *Goe moat*, que na sua antiga linguagem quer dizer terra fresca e fértil. E pela continuação do nome se veio a observar, e a lhe chamarem *Goe*, e nós mudando-lhe a letra *e* lhe chamamos Goa".

Como se vê, Couto, neste passo, deriva *Goa* de *Goe*, e este vocábulo de *Goe moat.* Mas, nem em sânscrito, nem em qualquer outra língua indiana, existe o nome de *Goemoat.*

Convém, porém, notar que tanto Diogo do Couto como outros escritores portugueses deturpam com facilidade os nomes indianos.

É muito natural que Couto tivesse obtido sobre o assunto informações dos letrados hindus, entre os quais devia ser corrente, na época, a opinião de que o nome de Gõe ou Gová é derivado do sânscrito *Gômanta.* Não nos repugna, por isso, admitir que, com o vocábu-

lo *Goe moat*, quer o cronista da Índia designar o nome *Gômanta*, palavra composta de *gô* e *mântâ*, o que pode exprimir em sânscrito, como diz Couto, o sentido de " terra fresca e fértil ".

De resto, o próprio Diogo do Couto, na *Década X* escreve:

" e assim lhe chamaram por excelência *Geomonti*, que he o seu verdadeiro nome, que em sua língua quer dizer *terra próspera*; e pela continuação do nome vierão os naturaes por abreviar a lhe chamar *Goe, tirando-lhe* o *monti*; e vindo-lhe nós a mudar a letra *e*, lhe chamamos Goa, nome por que he conhecida em todo o Oriente ".

Também Frei Paulo da Trindade, na sua *Conquista Spiritual do Oriente*, diz que os estrangeiros, pela muita frescura de Goa a nomeam por *Geomoat* que é o mesmo que *terra fresca e fértil.*

Como já se disse, não há em qualquer língua indiana os nomes *Goe moat*, *Geomonti* nem *Geomoat*. A pronúncia exacta desses

três vocábulos deturpados é *Gômântá.*

Diogo do Couto quer derivar a palavra *Goa* de Gõe (concani) e esta do *Gômântâ.*

O vocábulo " Gomant ", como é formado do radical " gô " e sufixo " mant ", pode ter vários significados.

Geralmente, " gô ", quer dizer " vaca " e por isso " Gomanta " significa " terra de vacas ", assim como Mahixmat ou Maissore significa " terra de búfalos ".

As vacas representavam outrora a riqueza, como se depreende do termo " gôdhânâ " (pecúnia). E assim, a " terra de vacas " é " terra próspera ". Em sânscrito " gô " quer dizer também " água " (24); e, assim, *Gomant* pode significar " terra fresca ", como diz Diogo do Couto.

Alguns investigadores são de opinião de que a designação de Goa vem do nome da antiga cidade de Goa-Velha, o qual foi aplicado depois às terras à volta da mesma cidade.

Certo é que já no século XI, a cidade de Goa-Velha e a ilha de Goa eram conhecidas,

respectivamente, pelos nomes de Gopak-pattana e Gopak-dvipak, isto é, a cidade dos pastores, e a ilha dos pastores.

A esta hipótese não alude, porém, qualquer escritor português.

O Padre Francisco de Sousa refere que o primeiro pai e povoador de Goa foi o ídolo Goubat, "senhor de Goa", de quem ela tomou o nome.

Convém notar que no panteão hindu nunca figurou qualquer divindade de nome *Goubat*. Em vez de "Goubat" deve ser "Gounat", "senhor de Goa". Foi, pois, um erro tipográfico. O Padre Francisco de Sousa baseou a sua informação numa carta de 19 de Novembro de 1559, do Provincial da Companhia de Jesus, Padre António de Quadros, que diz: "Idolo enim *Gounati* nomen est". Gounat era a divindade tutelar de Goa-Velha. O monarca Kadamba Shasthadeva III, que reinou em Goa em meados do século XIII, alude a essa divindade numa das suas inscrições de 1246-47. No *Tombo dos Bens dos*

Pagodes, feito em 1553 e em vários outros manuscritos do século XVI, há referências a esta divindade hindu de Goa-Velha.

Gounat quer dizer "senhor de Goa". Para se ser senhor duma povoação era necessário que existisse anteriormente essa povoação. Isto nos leva a concluir que foi Gounat que tomou de Goa o seu nome e não o inverso.

Ficam, por isso, de pé só duas hipóteses, mais ou menos fundamentadas:

1.º — O nome de *Goa* derivou do vocábulo *Gomanta*;

2.º — O nome de Goa proveio de Gopak--pattan ou Gová-puri (Goa-Velha).

Diogo do Couto e Fr. Paulo da Trindade seguem a primeira hipótese, como vimos.

Segundo *Sahyadrikhandd* e *Konkannakhyana*, os primeiros possuidores das terras de Goa foram os brâmanes, estabelecidos aí, pelo lendário Paraxurama.

João de Barros não conhece a lenda de Paraxurama acerca do estabelecimento dos

brâmanes em Goa. Mas ele teve notícia duma tradição oral, relativa ao povoamento de Goa pela gente pobre do Canará. Barros alude, provàvelmente, à emigração dos *curumbins*, descendentes talvez duma das grandes raças que habitam o Sul da Índia (25). Opina o cronista na sua *Década II :*

" Estas terras que estão ao pé do Gate, os primeiros habitadores que tiveram foi gente pobre, que desceu de cima da terra Canará ".

O Padre Francisco de Sousa (1697), depois de dizer que os primeiros povoadores de Salcete e de todas as mais terras do Concão foram homens pobres do Canará, acrescenta que esse facto se deu em séculos mui antigos e não se sabe quando.

À excepção de Tomé Pires, os escritores portugueses dos séculos XVI e XVII, como João de Barros, Diogo do Couto, Padre Sebastião Gonçalves e Faria e Sousa, supunham que Goa fez sempre parte do Canará. Na *Cosmografia do Reino do Daquem*, escrita aproximadamente em 1538-1539, observa D. João de Castro

que " os moradores do Concão são *concanis*, onde *agora*, corrompido o vocábulo, *dos Portugueses são chamados canarys* ". O lisboeta D. Álvaro da Costa, no seu *Tratado da Viagem da India Oriental a Europa nos annos de 1610 e 1611*, opina que a gente natural da ilha (Goa) e das terras dela se chama *canari*, porque dali começa o *Canará* (26). O vocábulo *canaddi* deu origem à palavra *canari*.

Explica-se, assim, o motivo por que os habitantes de Goa eram chamados *canarins* pelos portugueses (26a).

Os brâmanes de Goa, quer *gouddas*, quer *dráviddas* julgam que são oriundos do Norte da India.

Escreve o Padre Francisco de Sousa que o primeiro brâmane Cortaló veio de " Caxi Panddapura (Panddharpur), terra de Bengala, para Salcete ".

Os Cortalós são Brâmanes *sinais*. " Todos os brâmanes de Cortalim — diz o autor do *Oriente Conquistado* (1697) — têm título de *Xenens*, isto é, mestres ; pois nas terras do

Concão eles mesmos são os que ensinam aos mais brâmanes a ler, escrever e contar ".

O *Konkannakhyana* refere que os autóctones (*mulla-jânâ*) de Goa são os brâmanes *sastticares* e que os brâmanes *Sinais* vieram estabelecer-se em Goa depois deles. A mais antiga alusão aos brâmanes *Sinais* encontra-se, porém, numa inscrição do rei Shilahara Rattaraja, do ano de 1010 de C.

Um outro grupo étnico importante da população goesa é o que se chama *chardó.*

O nome de *chardó*, derivado do vocábulo concani " tchaddó ", não foi criado pelos Portugueses. O mesmo vocábulo não tem qualquer ligação com o nome *karhaddó*, que é uma sub-casta dos brâmanes, ao passo que " *tachddó* " é uma casta marcial. Houve quem fizesse derivar este nome da palavra sânscrita " kxatria ", mas, conforme as regras filológicas, este nome dá o vocábulo " khetri " em marata e concani e não " tchaddó " (27).

O vocábulo " tchaddó " existiu em Goa antes da conquista portuguesa.

Em Velguém, no concelho de Bicholim, por exemplo, há um templo da invocação de " Tchaddó-Puruxa ". Também em Poriém, de Satari, existe um templo hindu em que prestam culto a " Tchaddó ".

Numa carta do Irmão Luís Fróis, de 13 de Novembro de 1560 encontra-se alusão aos *chardós* hindus de Batim e Goa-Velha (28).

O Padre Sebastião Gonçalves (1614) diz que o chardó (chararó) é " gente de guerra ". A essa ideia corresponde o vocábulo sânscrito *tcharbhâttâ* (28a), donde pode provir a palavra concani *tcharddó* e daqui chardó.

O Reportório Geral, de João Delgado Figueira (1623), regista os nomes de vários hindus da casta *chardó.*

Num assento de baptismo da igreja do Colégio velho de S. Paulo, de Goa, de 1745, é designado um indivíduo hindu como sendo da casta *Marasta* ou *chardó.* Num outro assento de baptismo, do mesmo ano de 1745, encontra-se a referência a um Gopalla, da casta

Vanio charodó natural da cidade de Goa ([29]).

Os chardós são maratas. Os *vanios charodós* (marathá-vanis) pertencem à casta comercial.

Duma maneira geral, os escritores portugueses de quinhentos e seiscentos não se interessavam por conhecer os costumes peculiares de diversos grupos étnicos de Goa. Há, porém, curiosas informações sobre o assunto, na *História dos Religiosos da Companhia de Jesus*, do Padre Sebastião Gonçalves, escrita em 1614. Também o *Foral* de Afonso Mexia, de 1526, menciona certas regras referentes à sucessão e às partilhas baseadas no costume tradicional goês.

Segundo o testemunho de Tomé Pires, os hindus de Goa tinham "formosos templos". Gaspar Correia fala das "casas de seus ídolos, de cantaria de grandes edifícios e lavores" existentes nas ilhas de Goa. Lê-se nos *Comentários de Afonso de Albuquerque* que na ilha de Goa os Hindus tinham "templos muito bem lavrados".

Templo hindu de Surla do concelho de Sanguém, provàvelmente do século XII

Escrevia o florentino Andrea Corsali, em 6 de Janeiro de 1515, que um antigo templo hindu de Divar era construído com uma arte maravilhosa e continha figuras lavradas, duma grandíssima perfeição. São dele estas palavras: " In questa terra di Goa, & di tutta l'India vi sono infiniti edificij antichi de gentili, & in una isoletta qui vicina detta Diuari, hanno i Portoghesi per edificare la terra di Goa, distrutto un tenplo antico, detto Pagode: ch'era con marauiglioso artificio fabricato, con figure antiche di certa pietra nera lauorate di grandissima perfettione, delle quali alcune ne restano in piedi ruinate, & guaste ... S'io ne potrò hauer alcuna à mano cosi ruinata, la dirizzarò à V. S. à fine ch'ella vegga quanto anticamente la scoltura in ogni parte su hauuta in prezzo " (30).

E dizia o Irmão Gomes Vaz, em carta escrita do Colégio de Goa em 12 de Dezembro de 1567 (31):

" À entrada do pagode (de Verná) está uma ermida ou lavatório da feição da aboba-

da de Nossa Senhora de Divar, com um portal de pedra preta. Certo que nem em Portugal até gora vi outro tam fermoso".

Belos espécimes das esculturas pré-portuguesas de Goa encontram-se no Museu da Velha-Cidade. Ocorre neste momento citar, também, as imagens de *Gajanta-Laxmi*, de Sirodá e Cudném; o *Bramhá*, de Carambolim; os *viragais*, de Orlim e Molcorném; o *nandi*, de Chandor, etc.

Não restam vestígios da pintura anterior à conquista portuguesa de Goa, mas há referência aos pintores hindus que cultivavam essa arte na primeira metade do século XVI. Assim, o Vigário Geral Miguel Vaz referia-se, em 1545, aos pintores hindus da cidade de Goa e em especial a um de "grande habilidade" (32).

Foi um pintor hindu de Goa que fez em 1547 os retratos de D. João de Castro e dos vice-reis anteriores existentes presentemente no Palácio de Pangim (33). Escreve Gaspar Correia que esse pintor "os pintou de

natural dos seus rostos, que quem os primeiro via em vendo sua pintura logo os conhecia". Refere Irmão Luís Fróis, na sua carta de 14 de Novembro de 1559, que as igrejas da Índia estão cheias de retábulos pintados por um pintor hindu de Goa.

Os ourives de Goa têm uma tradição artística de longa data. Um destes ourives veio a Portugal em 1518. Consta que ele fez um punhal para o rei e algumas jóias para a rainha (34).

Em 1513 veio também para Portugal um oficial hindu de Goa que, no dizer de Albuquerque, fazia tão boas espingardas como as da Boémia e assim lavradas com parafuso (35).

Em carta de 17 de Outubro de 1510, informava Albuquerque ao rei que em Goa havia bons calafates e carpinteiros.

Falando da dança hindu, Tomé Pires escreve que "as gentias molheres de Goa são geitosas no vestir; as que dançam e volteiam o fazem com melhor maneira que todas as

destas partes" ([36]). Referindo-se ao trajo da mulher hindu, o Padre Sebastião Gonçalves, S. J., faz a seguinte observação: "As Bramanas são honestíssimas assy na vida, como no trajo; o vestido que sempre trazem escuza alfayates; porque assy como a peça de pano branco vê do tear, assy a trazem, com tal artifício que ficando o corpo até o peito de pé coberto, e os peitos, os braços, contudo ficam desembaraçados pera o serviço de casa" ([37]).

É sabido que entre as cantigas concanis há as que são chamadas "dakhani", que não são mais do que "dakxinnadi" ou a música do Canará.

O Foral de Salcete, de 1567, Ms. do Arquivo de Goa, faz referência ao teatro hindu chamado "zagor", que costumavam realizar em Goa em certas festividades religiosas. O poeta goês Crisnadás Xamá (1526) fala de actores *(Nattadhara)*.

No que diz respeito ao comércio de Goa, antes da conquista portuguesa, há muitas informações nas crónicas da Índia e noutras

fontes históricas portuguesas do século XVI.

"O reino de Goa — escreve Tomé Pires — nunca deu a vantagem a Chaul, tratava grandemente, tinha muitos mercadores de todas as nações, gentes de grandes cabedaes, era grande o trato delas, sempre tinha muitas naus.

Tinha o reino de Goa muitas naus que navegavam para muitas partes, e as naus de Goa eram estimadas e favorecidas em todas as partes."

Depreende-se da citada inscrição do rei Kadamba Jaiquessi I, do ano 1053, que o porto de Govapuri (Goa-Velha) era frequentado pelos barcos da Arábia, Zanzibar, Guzarate, Chaul, etc.

No dizer dum historiador, o maior monumento da cultura pré-portuguesa de Goa são as suas comunidades de aldeias.

Afonso de Albuquerque manteve essas "pequenas repúblicas" e Afonso Mexia deu-lhes um *Foral* em 1526, em que foram consignados os principais direitos, usos e costu-

mes relacionados com as mesmas. Esse documento é de grande importância para o conhecimento daquelas vetustas instituições. Numa inscrição gravada em placas de cobre, encontradas em Goa, do rei Satyásraya e datadas do ano 610 de C., mencionam-se todas as autoridades de aldeia, inclusivé o *gãocar.* O gãocar corresponde ao *Gramanni,* referido no livro *Saptassati* atribuído ao rei Hala (séc. I de C.).

Antes dos portugueses, o ensino primário dos hindus goeses era ministrado principalmente pelos brâmanes *Sinais.* Na opinião do Padre Francisco de Sousa, como vimos, o título de *Sinai* ou *Xennai* significa "mestre". Escolas de instrução primária funcionavam nos vestíbulos dos templos hindus, nos pátios das grandes casas, nas varandas dos escritórios da administração aldeana e em vários outros lugares.

O ensino secundário e especial era feito em Goa nos *mâtthâs, âgrahâras* e *brâhmâpuris.*

As insrições de 1107 e 1391, de que já falámos, aludem a dois *bramhapuris* estabelecidos nos arredores da cidade de Goa.

A inscrição de 1059 do Kadamba Jaiquessi refere-se ao estudo que em Goa se fazia da gramática sânscrita do sistema "Katantra" ([38]).

Segundo o livro Sahyadrikandda, a própria cidade de Margão (Goa) tomou o seu nome do "mâtthâ" (mosteiro) e "Gramâ" (aldeia). Margão quer dizer "aldeia do mosteiro". Na inscrição do rei Kadamba Tribhuvanmalla, de 1107, Margão é designada também pelo nome *Mâtthâgramâ.*

As principais disciplinas ministradas nos estabelecimentos de ensino secundário eram a matemática, a astrologia, a religião, as literaturas sânscrita e marata, e, às vezes, ainda, a medicina. Mas, em regra, os estudantes que quisessem ser médicos tomavam lições particulares destes.

Na opinião de Garcia de Orta, os físicos hindus (panditas) curavam apenas por expe-

riência e costume, e não tinham noção de anatomia. O historiador jesuita Padre Fernão de Queirós, no seu livro *Breve Relação da Escritura dos Gentios*, escrito em 1671, refere-se, porém, com entusiasmo, à competência dos físicos hindus (*panditas*). " Muitas vezes — diz o padre jesuita — ouvi falar ao físico mór, que é homem da Europa, que os ditos brâmanes chamados *Panditas* faziam melhor a cura do que os mesmos físicos europeus, que na Índia exercitam o ofício ". O holandês João Huyghen Lindschoten, que esteve em Goa em 1583, observa que " os portugueses não fazem dificuldade de tomar os remédios das receitas e medicinas dos físicos hindus (*Panditas*), de sorte que o próprio arcebispo e os eclesiásticos se fiam mais neles que nos da sua própria nação ".

Sabe-se que no Colégio de S. Paulo, em Goa, houve em 1548 um físico brâmane ([39]) e, em 1574, o físico do governador da Índia, António Moniz Barreto, era um *pandita* ([40]). Deste governador existe uma provisão para que os panditos ou físicos hindus não andem

pela cidade de Goa a cavalo nem em andores e palanquins, acrescentando que " isto se não entenderá no pandito que cura minha casa e é meu físico ".

Em 1620, os doentes do Convento de Madre de Deus, de Goa, eram curados por um *pandito* chamado Rama Botto ([41]).

Falando da língua, Tomé Pires escreve que a linguagem que se fala no reino de Goa é concani.

Mas, se a linguagem falada em Goa é o concani, a língua literária dos hindus goeses é tradicionalmente o marata.

É na língua marata que estão escritas as inscrições descobertas em Veluz (Satari) e Bandorá (Pondá), respectivamente de 1402 e 1413, não obstante Goa, nesta época, se encontrar sob o domínio do Rei de Vijayanagar, cuja língua oficial era o canarês.

Também as lâminas de cobre de Nimna Mantri, de Verém (Pondá), datadas de 1348, contêm a inscrição em marata. Toda a antiga escrituração das comunidades de aldeias e

7

dos templos hindus, de Goa, acha-se em marata (42).

Tomé Pires escrevia em 1515 que "os brâmanes de Goa eram agudos, avisados e letrados em sua crença".

Segundo o testemunho do livro sânscrito *Sutasamhitá*, em Gavapuri (Goa-Velha) havia brâmanes profundamente versados nos Vedas e Vedangas ("Vêdâ-vedangâs parâgah").

Uma inscrição do rei Kadamba (43) refere que as ruas de Govapuri ficavam completamente cheias de ricos palanquins dos seus *panditas* (doutores).

As inscrições sânscritas encontradas em Goa, desde a de Sirodá, do século IV, até à de Madhava Mantri, do século XIV, aludem aos brâmanes distinguidos pelo seu saber.

Há quem diga até que o próprio nome de Goa (gô "luz") simboliza a grande cultura literária do seu povo.

O território de Goa, como ninguém ignora, fica entre o Canará e o Maharaxtra.

No Canará floresceram as letras pelo menos desde o século X de C. Escritores, como Pampa (941 de C.), Ponna (c. 950 de C.), Chaunddaraya (971 de C.), Ranná (993 de C.), Nagavarmá I (c. 990 de C.), eram aí lidos e apreciados.

Houve lá ainda mulheres que cultivaram as letras canaresas, como Vijayanca, cognominada Sarasvati, e Gangadevi, autora de Madhuravijaya.

Por outro lado, no Maharaxtra, eram enaltecidos pelo Povo os poetas Mukundaraja (século XII), Dnianexvar (1290 de C.), Nivratinatha, Namadeva (século XIII). Também brilharam aí as poetisas como Muctabai, Mahadambá e Janabai. Era natural, pois, que em Goa tivesse existido, como no Canará e no Maharaxtra, uma literatura vernácula antes da conquista portuguesa.

Cunha Rivara e Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado supunham que essa literatura era da língua concani e aventaram a hipótese de que foi destruída pelos portugueses,

por motivos de intolerância religiosa. Convém, porém, notar que o território português de Goa, antes de 1763, abrangia apenas as terras das Velhas Conquistas, isto é, Tissuari, Salcete e Bardês; o resto do mesmo território era alheio à dominação portuguesa. Era lógico, por isso, que se houvesse algum livro ou documento escrito nessa língua teria aparecido nas terras das Novas Conquistas.

A verdade é que não existe qualquer vestígio da existência da literatura concani anterior à conquista de Goa pelos Portugueses (44).

Existiu a literatura em Goa, sim, mas escrita em marata ou em sânscrito.

Entre 1548 e 1559, foram sumariados, em português, vários livros religiosos dos hindus, encontrados em Goa. São todos maratas e sânscritos.

Os seus sumários foram feitos pelos neo-convertidos Manuel de Oliveira, Padre André Vaz e por alguns moços do Colégio de S. Paulo, de Goa.

Conservam-se no arquivo dos jesuitas em

Roma e na Biblioteca Pública de Évora alguns dos referidos treslados.

Há mais. Os Padres jesuítas do Colégio de Rachol reuniram em um códice, transliterados para os caracteres romanos, cerca de trinta poemas maratas do tipo religioso e filosófico, correntes entre os literatos goeses. Esse códice, presentemente conservado na Biblioteca Pública de Braga, pertenceu, na opinião do Padre Wicki, S. J., ao Bispo D. Francisco Garcia, S. J., o qual, de 1610 a 1630, aproximadamente, vivia em Goa e estudava com grande zelo a língua marata. O mesmo bispo traduziu para o português a obra marata *Sinvassana bâtissi*, publicada em 1658, com o título de " O Homem das Trinta e Duas Perfeições ".

Entre os referidos trinta poemas merece especial menção o *Crisnna-Charitra*, da autoria do escritor goês Crisna-dás-Xamá, natural de Quelossim (Salcete). Este poema principiou a ser escrito no templo hindu de Xri Xantadurgá, de Quelossim, em 25 de Abril de

1526. O poeta canta a *Vida de Crisna*, em versos *vovi*, baseada no capítulo X do livro sânscrito *Bhagavata Puranna.*

O poema *Crisna-Charitra* tem 3133 voviá ou estâncias e ocupam as primeiras 131 páginas do referido códice da Biblioteca de Braga.

Os padres jesuítas Tomás Estêvão e Estêvão da Cruz conheceram a literatura marata, em voga em Goa, nomeadamente os livros que estavam guardados nos Colégios de S. Paulo e Rachol.

Consta duma carta do Irmão Luís Frois que, em 1560, havia no Colégio de S. Paulo os livros *Bhagavadguitá* e *Yoga-Raja-Tilak.*

O Padre Tomás Estevão fez uso, evidentemente, do poema marata *Yoga-Vassistta*, no seu *Purana cristão*, publicado em Rachol em 1616. O Padre Estêvão da Cruz, no seu *Purana de S. Pedro*, impresso em 1629, ainda indica as fontes maratas de que se serviu, e entre elas o *Crisna Purana*, ou seja *Crisna Charitra*, de Crisnadás-Xamá.

O franciscano Padre Paulo da Trindade,

na sua *Conquista Spiritual do Oriente*, composta aproximadamente em 1636, transcreve umas passagens do referido poema marata de Crisnadas-Xamá.

O Padre Sebastião Gonçalves, na sua *História dos Religiosos da Companhia de Jesus*, mostra ter conhecido o livro marata de Datatraia ou seja o *Yoga Raja Tilak.*

Os sumários ou treslados a que nos referimos, não são, porém, exactos. O próprio Irmão Luís Frois, S. J. dá disso testemunho, quando escreve em carta de 14 de Novembro de 1559: "Lá manda o Padre Provincial por duas ou três vias o que se tem tresladado até gora desta lei dos brâmanes; terão bem nesses cadernos em que passar alguns repousos... ainda que não deixarão de achar muitos erros na escritura por se tresladar por moços e depressa, e não haver tempo para se limar melhor e mais conforme ao texto original donde se tirou" ([45]).

É sabido que data do ano de 1548 a primeira tentativa dos portugueses para a obten-

ção de livros religiosos dos hindus goeses. O Bispo D. João de Albuquerque, em carta de 28 de Novembro desse ano, dava conhecimento a El-Rei de ter apanhado uma canastra, cheia de livros sobre a religião hindu, a um brâmane da ilha de Divar ([46]).

Cremos que a "Lei dos Gentios" é o mais antigo trabalho, que se conhece, escrito em português ou em qualquer outra língua europeia, sobre o hinduismo, baseado directamente em textos indianos. Conserva-se na Biblioteca Pública de Évora e provàvelmente foi escrito em 1558 ou 1559.

Floresceram outrora em Goa o budismo e o jainismo. Ao tempo da conquista portuguesa, a grande massa da população goesa professava, porém, o hinduismo, pertencendo principalmente às seitas de Xancaráchária (século VIII de C.) e Madváchária (século XIII de C.).

O Bispo D. Francisco Garcia, S. J., no seu breve trabalho sobre o hinduismo, escreve que os salcetanos adoravam principalmente o Vixnu e os bardezanos o Xiva.

O culto de Crixna é objecto do poema *Crixna-Charitra*, do poeta goês Crisnadas-Xamá.

Os goeses estavam também ligados ao culto de Vitthobá, de Panddharpur, desde tempos imemoriais ([47]).

Conta o Padre Sebastião Gonçalves, numa das suas cartas de 1565, que os hindus, antes da sua conversão ao catolicismo, cantavam pelas ruas da cidade de Goa os seguintes versos maratas invocativos do dito Vitthobá ([48]):

"Zâri upâzoni sânsarim, ecâvellâ deqhâssi Pânddhâri".
Vitthâlâ Rayachi nâgâri...

O que vem a ser:

"Vindo ao mundo, se visse uma vez Panddhari, a cidade de Vitthala ..."

O Padre Sebastião Gonçalves não diz de quem são esses versos, tão populares entre os hindus goeses no século XVI, mas cremos

que são do poeta-santo do Maharaxtra, chamado Namadeva (século XIII), a quem o mesmo padre jesuíta, na sua *História*, chama "autor grave e de grande crédito entre o gentio oriental".

NOTAS

(1) Vide Castanheda, *Hist. do Descobr.* e *Conq. da India*, Liv. II, cap. XXXIV, pág. 288. (Coimbra, 1924).

(2) Vide Carta geral do Padre Luís Fróis, de 13 de Novembro de 1560, in António da Silva Rego, *Documentação para a Hist. das Missões*, Vol. 8 pág. 85; carta do Padre Pero de Almeida, de 26 de Dezembro de 1558, in cit. *Documentação*, vol. 6, pág. 472; Padre Francisco de Souza, *O Oriente Conquistado* Conq. I, Div. 2ª, § 50.º.

(3) *Sahyâdri-Khanda of the Skanda Purâna*, ed. por J. Gerson da Cunha. (Bombay, 1877), Parte II, cap. 3, pág. 310.

(4) Castanheda, *op. cit.*, Livro III, cap. VII, pág. 21.

(5) *Commentarios do Grande Afonso dalboquerque* Parte II, cap. XX. Cp. António Pinto Pereira, *História da India no tempo em que a governou o Visorey Dom Luis de Ataide* (Coimbra, 1616): "Porem o primeiro sítio desta cidade ... onde agora chamão Goa à velha, que *ainda tem ruinas de grande sumptuosidade de edifícios antigos*, como sam arcos de pedraria bem lavrada, pilares e alicerces bem fundados e outras mostras grandes de nobreza e antiguidade". (Vol. II. pág. 1).

(6) *Década* I, *liv.* X, cap. IV, pág. 426. (Ed. 1778).

(7) Vide Valaulicar, *Gõecaranchi Gõeãbhaili Vassannuca*, Bombaim, 1928; Pissurlencar, *Goa Há*

1500 anos, in *O Oriente Português*, II série, n.° 6; *As Primitivas Capitais de Goa*, in *O Oriente Português*, II série, n.° 1; *Inscriçõis Pre-Portuguesas de Goa*, in *O Oriente Português*, II série, n.° 22; George Moraes, *The Kadamba Kula*, Bombay, 1931; *Glimpses into the Hist. and Culture of Goa*. Bombay, 1947; *The Pre-Kadamba Hist. of Goa* in *Proceedings of Indian History Congress*, Fifth (Hyderabad) Session, 1941; *A Forgotten Chapter in the History of the Konkan*, in *Bharata-Kaumudi*, Parte I, Allahabad, 1945; Altekar, *The Rashtrakutas and Their Times*, Poona, 1934; *The Silaharas of Western India*, in *Indian Culture*, Vol. II, n.º 3; H. K. Sherwani, *Mahmud Gawan*, Allahabad, 1941, e *The Bahmanis of the Deccan*, Hyderabad, 1953; H. Cousens, *Bijapur and its Architectural Remains with an Historical Outline of the Adil Shahi Dynasty*, Bombay, 1916; Talmaki, *Saraswat Families*, 2 vols.; Jerome A. Saldanha, *Origin and Growth of Konkan or Communities and Language*, 1938, etc.

(8) D. C. Sircar, *A Note on the Goa Copper-Plate Inscription of King C'andravarman*, in *Annals of Bhandarkar Oriental Institute*, Silver Jubilee Volume, Poona.

(9) Altekar, cit. *The Silaharas of Western India*, pág. 398; Valaulicar. cit. *Gõeãcaranchi* etc., pág. 46.

(10) Pissurlencar, cit. *Inscriçõis Pre-Portuguesau de Goa*, pág. 6; Dixit, *Panjim Plates of Jayakesi* (I), in *Indica*, Bombay, 1953.

(11) Dixit, *Selected Inscriptions from Maharashtra*, Poona, 1947, pág. 46.

(12) G. H. Khare, *Kadamba Tribhuvanmalla kalina Yeka Tamrapattá*, in *Bharata Itihasa Samshodhaka Mandala*, Quarterly, Vol. XXXI, n.° 4.

(13) Dixit, *Some Gold Coins of the Kadambas of Goa*, in *Journal of the Numismatic Society of India*, Vol. X, Part II, Dec. 1948; Pissurlencar, cit. *Inscrições Pre-Portuguesas de Goa*; George Moraes, *The Kadamba Kula*, etc.

(14) Pissurlencar, *Agentes da Diplomacia Portuguesa na India*, 1952, pp. 15 e 1.

(15) Carta a Ramu Bramane. (Torre do Tombo) Chancelaria de D. João III, liv. 42, fls. 35.

(16) Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte III, maço 11, n.º 107.

(17 a) Sherwani, *The Bahmanis of the Deccan*, pp. 316 e 351.

(18) *Cartas de Afonso de Albuquerque*, I, pp. 21-23.

(19) Armando Cortesão, *The Suma Oriental of Tomé Pires* etc. Vol. II.

(20) João de Barros, *Decada* II, liv. V, cap. I, parte I, p. 434. (Ed. 1777)

(21) *The Rehla of Ibn Battuta*, tr. Mahdi Hussain, Baroda, 1953, p. 177.

(22) Duarte Barbosa, *Livro*.

(23) Isto é, " na capital da província de Goa ".

(24) Pavshe, in *Maharashtra-Sahitya-Patriká*, III, n.º 3.

(25) *Kurumbars*, Cfr. Srinivasachari, *Histoire de Gingi*, 1940, pp. 25-28.

(26) Ms. 482, da Biblioteca Pública do Porto, fls. 101. Cfr. Karmarkar, *Boundaries of Ancient Maharashtra and Karnataka,* in *The Indian Historical Quarterly*, Vol. XIV, 1938 ; *Cultural History of Karnataka,* 1947, pp. 20-23 ; B. A. Saletore, *Carnate*, in J. B. Hist. Soc., Bombay 1929 ; Mugali, *The Heritage of Karnataka*, 1946.

(26a) Tomé Pires, referindo-se aos canareses, diz " terra canarym " e " província dos Canariis ". E no *Livro que trata das Cousas da India* (1548) : " este nome hé *canarim de Canará* ". (p. 62).

(27) Vide Mons. S. R. Dalgado, *Dic. Konkani Português*, vb. tchaddó.

Do vocábulo " Kxatria " não pode derivar também a palavra concani " Khateli ", em português " qhatelos ", termo que aparece no *Foral dos Namoxins dos Pagodes de Salsete,* Ms. do Arquivo Hist. de Goa, datado de 1630.

(28) Cfr : São estes homens daquele lugar de huma casta a que elles quá chamarão *chararos*, tudo homem de peleja..." (Silva Rego, cit. *Documentação*, Vol. VIII, pág. 95 ; J. Wicki, *Documenta Indica,* Vol. IV, pág 680.

O vocábulo *chararos*, é corrupção da palavra *tcharaddó*, porquanto os Portugueses pronunciam o som *dd* como *r*. Em alguns documentos portugueses do séc. XVII, lê-se o vocábulo " charodos " (Códice 51-IV-34, da Bibl. Pública da Ajuda, fls. 131).

(28a) A expressão " tcharbhatta ", no sentido de soldado, encontra-se, por exemplo, no *Harxacharita*, VII.

(29) O vocábulo *vanio charodó* encontra-se ainda nos documentos portugueses dos anos de 1750 e 1752, (Vide P. Pissurlencar, *Assentos do Conselho do Estado*, Vol. V. pág. 662).

(30) Ramusio, Vol. I, pág. 177 v. : " Di Andrea Corsali Florentino allo Ill. Signor Duca Giuliano de Medici..."

(31) A. Silva Rego, cit. *Documentação*, Vol. X, pág. 292.

(32) Idem, Vol. III, pág. 223.

(33) *Luís Gonçalves, Telas e Esculpturas da Cidade de Goa*, Bastorá, 1898, pág. 51.

(34) Pissurlencar, *Os Primeiros Goeses em Portugal*, in *Bol. Instituto Vasco da Gama*, n.º 31 (1936).

(35) Vide *Cartas de Afonso de Albuquerque*, I, pág. 174.

(36) Cit. *Suma Oriental*, 375.

(37) Padre Sebastião Gonçalves, *Da Hist. dos Rel. da Comp. de Jesus.*

(38) Vide o cit. *Panjim Plates* of Jayakesi (1), e Bhandarkar, *Early Hist. of the Dekkan* (ed. de Susil Gupta), pág. 172.

(39) Wicki, cit. *Documenta Indica*, I, pág. 254.

(40) Vide *Provisões a Favor da Cristandade*, Ms. 9529, do Arquivo de Goa (do Governador António Moniz Barreto, de 15 de Dezembro de 1574).

(41) Pissurlencar, cit. *Agentes da Diplomacia Portuguesa*, Int., pág. 52.

(42) Pissurlencar, *Os Primeiros Livros Maratas*

Impressos em Goa, in *Bol. Instituto Vasco da Gama*, n.º 73.

(43) Pissurlencar, cit. *As Primitivas Capitais de Goa*, pág. 4.

(44) Katre, *The Formation of Konkani*, Bombay 1942, págs. 152-153.

(45) Vide Wicki, cit. *Documenta Indica*, IV, pág. 339.

(46) Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 241, doc. 90.

(47) Vide B. A. Saletore, *The Antiquity of Pandharpur*, in *Indian Historical Quarterly*, Vol. XI, n.º 4, 1935.

(48) Carta do Padre Sebastião Gonçalves ao Irmão Lourenço Mexia, de 26 de Novembro de 1565, in Silva Rego, cit. *Documentação*, Vol. IX, pág. 476.

ERRATA

Na p. 19, l. 11, onde se lê "desde 1518 até", leia-se "em Outubro de".

ACABOU DE SE IMPRIMIR EM GOA, NA TIPOGRAFIA RANGEL, BASTORA, AOS TRINTA DE JULHO DE MIL NOVECENTOS SESSENTA E DOIS.